

ACÚMULO DE FORRAGEM EM PASTOS MISTOS DE FESTUCA E CAPIM-QUICUIU SUBMETIDOS A DIFERENTES MANEJOS DE DESFOLHA ¹

Eduardo Borges Pereira², Andre Fischer Sbrissia³, Guilherme Romani de Mello⁴, Emiliano Ramos
Ribeiro⁵, Fernanda Cristina Schütz Gislon⁶

¹ Vinculado ao projeto “Acúmulo de forragem em pastos mistos de festuca e capim-quicuiu submetidos a diferentes manejos de desfolha”

² Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária – CAV – bolsista PIBIC/CNPq

³ Orientador, Departamento de Produção Animal – CAV – andre.sbrissia@udesc.br

⁴ Mestre em Produção Vegetal – CAV

⁵ Acadêmico do curso de Agronomia – CAV

⁶ Acadêmica do curso de Medicina Veterinária – CAV

Com aproximadamente 213,5 milhões de cabeças de gado, o Brasil possui o maior rebanho comercial do mundo, criados em sua grande maioria em sistemas pastoris. Levando em conta a grande extensão territorial do país, é necessário utilizar espécies adequadas e criar estratégias de manejo que se enquadrem nas condições abióticas locais, principalmente relacionadas ao clima. Em regiões com clima Cfb, uma das estratégias de manejo adotada é a utilização de gramíneas perenes estivais e gramíneas hibernais anuais, porém ainda é observado um déficit de produção forrageira durante os períodos de transição entre verão e outono e inverno e primavera. Neste cenário, uma alternativa em potencial seria a associação de gramíneas com vias metabólicas distintas (C₃ e C₄), sendo necessário encontrar uma estratégia de manejo que possibilite a coexistência das gramíneas escolhidas de forma que não haja a dominação de uma única espécie no longo prazo e assegure uma complementariedade na produção de forragem.

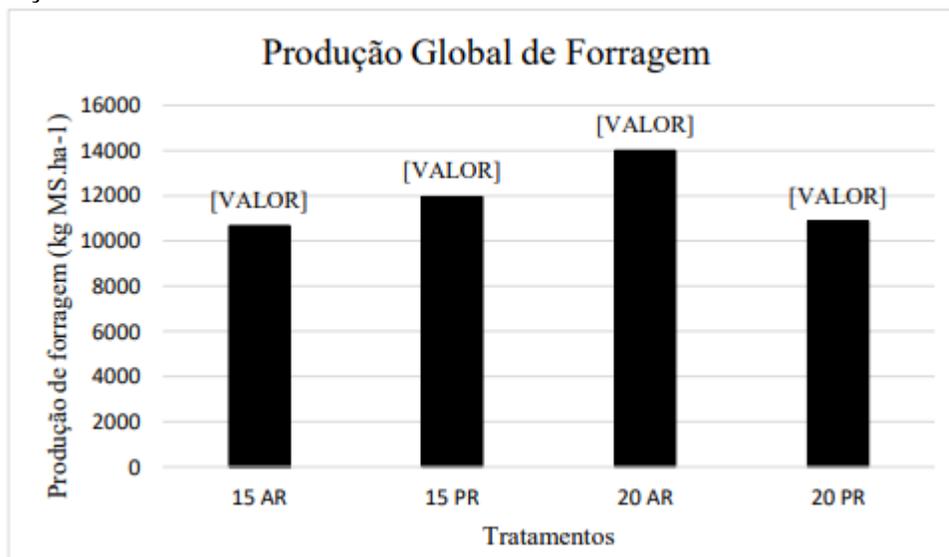
Dessa forma, o objetivo do trabalho foi determinar o acúmulo de forragem em pastos formados por *Pennisetum clandestinum* [capim-quicuiu (gramínea perene C₄)] e *Festuca arundinacea* cv. Rizomat [festuca (gramínea perene C₃)] submetidos a diferentes alturas de manejo, tendo como hipótese que uma desfolhação severa na primavera promove um incremento no acúmulo de forragem ao longo do ano.

O experimento foi conduzido no centro de Ciências Agroveterinárias da Universidade do Estado de Santa Catarina (CAV-UDESC), Lages – SC – Brasil, o modelo experimental utilizado foi o delineamento de blocos casualizados, com arranjo fatorial 2 x 2 com três repetições. Como fator A foram utilizadas duas alturas de manejo, 15 e 20 cm em pré-pastejo, com desfolhação de 40% (alturas em pós-pastejo de 9 e 12 cm, respectivamente). Para o Fator B foi considerado a presença ou ausência de uma desfolhação severa na primavera nas diferentes alturas de manejo, onde a altura de pós-pastejo era de 6cm nos piquetes com rebaixamento primaveril. O monitoramento das alturas era realizado com uso de régua graduada e a desfolha era realizada por dois bovinos com peso médio de 500kg. Também foram aplicados 360 kg de N ha ano⁻¹. Para a quantificação da massa de forragem foi utilizado o *Rising Plate Meter*. Para validação de uso na mistura em estudo, foram coletadas durante o período experimental, amostras com altura em unidades de disco e massa conhecida, e assim estimado uma regressão de calibração, que resultou em: $y = 178,49 x + 539,61$, onde y é a massa de forragem estimada e x é a altura em unidades de disco ($R^2 = 0,6013$). Para estimar o acúmulo foram quantificadas as massas de forragem em pré e

pós-pastejo. A subtração da massa em pré-pastejo da massa em pós-pastejo do ciclo anterior, obteve-se a massa acumulada no ciclo, e somando-se as massas de cada ciclo, obteve-se a produção anual de forragem.

Não houve efeito de interação entre altura e rebaixamento na produção anual de forragem ($P=0,053$), ao longo do período de avaliação (Figura 1), rejeitando a hipótese do estudo. As adaptações morfológicas de cada espécie ajudam a explicar que a produção de forragem tenha sido constante, independente da altura de manejo. Neste caso, pode-se afirmar que dentro da amplitude de manejo (15 e 20 cm em pré-pastejo) a produção de forragem foi similar, o que pode ter ocorrido pelo diferente número de pastejos entre os tratamentos, já que nos pastos manejados em 15 cm o número de ciclos de pastejo foi superior aos pastos manejados em 20 cm, porém com menor massa de forragem acumulada durante cada ciclo. O rebaixamento de primavera também não se demonstrou eficiente para incrementar a produção, já que os pastos rebaixados a 6 cm necessitaram de um maior período para atingir novamente as alturas de manejo. Mesmo não havendo diferença estatística para a massa de forragem, é necessário atentar para os pastos manejados em 20 cm que não foram submetidos ao rebaixamento primaveril tiveram uma produção 20% superior aos demais tratamentos.

Figura 1. Produção anual de forragem em pastos mistos de festuca e capim-quicuiu durante um ano de avaliação.



AR = ausência de rebaixamento; PR = presença de rebaixamento.